

A BIBLIOTECA DO CONVENTO DE JESUS (1755- 1834): A HERANÇA DE D. FREI MANUEL DO CENÁCULO

Francisco António Lourenço Vaz*

INTRODUÇÃO

As bibliotecas conventuais não têm merecido da parte da historiografia uma atenção devida. De facto, não abundam entre nós, nem a nível internacional, estudos sobre a sua história. As livrarias conventuais e particularmente a integração, ou destruição de bibliotecas na época da Revolução Francesa, tem sido objeto de alguns estudos, particularmente da historiografia Francesa (Barbier 2007, Picard, 1979). Ainda em França salientam-se a obra dirigida por Dominique Varry (1991), que reúne diversos estudos sobre as bibliotecas francesas após a Revolução e integração de muitos fundos conventuais e início do serviço público de leitura. Entre nós Paulo Barata tem publicado uma série de textos, centrando a sua análise na integração dos fundos bibliográficos dos conventos, a partir de 1834, e nas muitas lacunas e deficiências dessa grande transferência (Barata, 2003, 2004, e 2011). Os seus estudos constituem uma referência para aferir da importância e valor patrimonial das coleções na altura da extinção.

Existem também alguns estudos pontuais de alguns outros autores, como o de Teresa Ramos (2007), que analisou a coleção da biblioteca do Mosteiro de Tibães e a tese de Pedro Cérico (2009), que analisa o papel do bibliotecário Cunha Rivara para integração dos fundos conventuais, na Biblioteca Pública de Évora. Relativamente à Biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, temos referido aspetos relativos à sua refundação” e abertura ao público nos finais do século XVIII, bem como a dimensão da sua coleção e os donativos que recebeu, primeiro do Prior de Oliveira de Azeméis, e depois de Frei Manuel do Cenáculo (Vaz, 2002, 2006 e 2012).

* Departamento de História Universidade de Évora

É sabido que as bibliotecas, bem como os cartórios eram peças indispensáveis nas casas monásticas, as primeiras pelas necessidades pedagógicas as segundas por razões administrativas e económicas. Por isso, os testemunhos mostram-nos que, desde a fundação até a extinção da ordem, as bibliotecas foram salvaguardando e aumentando o seu património bibliográfico. Ganha assim sentido trazer aos leitores a situação de uma das bibliotecas conventuais mais ricas de Portugal e que como é sabido esteve na origem de uma das mais importantes bibliotecas patrimoniais do país, a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Procuramos, por isso, fazer um balanço da sua refundação, após a destruição do terramoto, do serviço público que passou a prestar à comunidade e do valor das suas coleções. Como é de calcular estes desideratos implicam que falemos de dois dos mais importantes benfeitores da instituição: D. Frei Manuel do Cenáculo e uma figura desconhecida, mas grande bibliófilo, Manuel Ferreira, Prior de Oliveira de Azeméis, que ingressou na Ordem Terceira e doou toda a sua coleção de livros ao Convento.

UM BIBLIÓFILO DESCONHECIDO

Manuel de Oliveira Ferreira nasceu no Porto em 1711, era filho de Jorge de Oliveira Ferreira e de Catarina Alvares Ferreira. Foi Reitor da Paroquial Igreja de S. Miguel de Oliveira de Azeméis, Comissário do Santo Officio, Doutor em Cânones por Coimbra e Cronista Geral da Terceira Ordem. Afetado por uma pleurisia, fez um voto a Nossa Senhora, para o livrar da doença¹. O Prior prometeu à Virgem Maria que, em caso de cura, professaria na Terceira Ordem de S. Francisco, doando também ao Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa a sua livraria. O prior venceu a doença e o ingresso na ordem franciscana veio a efetuar-se em 1776 e com ele a prometida doação da livraria, que se compunha de mais de sete mil volumes. A notícia autobiográfica, que Manuel Ferreira redigiu nesse ano, adianta alguns dados importantes sobre o espólio bibliográfico. Além do número já avançado, diz-nos o Prior que a livraria lhe custou “o melhor de 20 mil cruzados”, e que foi “coleccionada sobre cinquenta anos de fadigas literárias”². E quanto aos motivos da doação, esta surge como um sinal de reconhecimento, para perpetuar a memória do seu agradecimento a Nossa Senhora. Mas o que nos interessa sublinhar é que a doação da livraria foi acompanhada de algumas condições expressas no testamento:

“Item declaro, que por minha morte os reverendíssimos Prelados do convento de Nossa Senhora de Jesus desta Cidade de Lisboa, e sucessores, logo sendo Deus servido, que eu parta desta vida mortal para a eterna, terão plena administração, e uso pessoal da sobredita minha Biblioteca, e lhe peço como sempre desejei e foi sempre minha vontade, quando a prometi a Nossa Senhora, que a façam pública em bem do próximo e, pública utilidade, contanto, que não saia em tempo algum, para fora da casa, em que se costumar a sua guarda, e conservação perpétua, livro algum, nem ainda caderno, nem papel dos meus manuscritos, que em todas as faculdades científicas, chegam ao número, in fólho, quarto, e oitavo, de cento e cinquenta livros.”³

O prior deixou bem claro que pretendia que a dita livraria fosse utilizada a bem da “utilidade pública”, expressão que já tinha um lugar consagrado nos tratados biblioteconómicos desde o século XVII (Gallois, 1680 e Vaz, 2012). O testamento adianta, também, mais dados sobre esta iniciativa: comprova o desejo em deixar bem vincada a sua vontade de cumprir o seu voto e de colocar a livraria a salvo dos interesses dos seus herdeiros diretos; enuncia que esta doação é feita de livre vontade e especifica a utilidade pública referida: “e para que fazendo-se pública com os mais livros da Comunidade se pudessem por ela instruir, não só os Religiosos do dito Convento mas as pessoas estudiosas desta Cidade”⁴.

Portanto, não se trata apenas do público da instituição, os religiosos, aceção tradicional associada às livrarias desde o início da modernidade⁵, mas de um público mais alargado: são as “pessoas estudiosas”, os eruditos, ou em última análise os que sabem ler, que eram nesta época uma minoria na cidade de Lisboa. Não estava, certamente, nas ideias de Manuel Ferreira, ou dos frades do convento, abrir a livraria a todo e qualquer um, ou seja ao povo. Estamos por isso perante uma ideia de público seletivo: tal como na época se referiam os officios públicos, mas que não significava que estivessem ao alcance de qualquer um.

Em anterior trabalho descrevemos, com base nas cartas do Prior e dirigidas ao Provincial da Terceira Ordem, Frei António Soledade, como se processou o encaixotamento e transporte dos livros de Oliveira de Azeméis para Lisboa, em 1775⁶. A opção acabou por ser o transporte por terra com paragem em Coimbra. O preço do transporte montou a 200.000 réis, mais do que se tinha contratado pelo frete, uma vez que o encarregado da operação tinha feito o ajuste para 5.000 livros, mas quando se procedeu a contagem para encaixotamento eles subiram para 7.000. Contudo,

a verba gasta com a o transporte inclui ainda ajudas de custo pelo que o total lançado nas contas das despesas do Convento de Nossa Senhora de Jesus é de 352.000 réis⁷.

O caso do Prior de Oliveira de Azeméis é mais um exemplo a comprovar que em meados do século XVIII a bibliofilia estava na moda: muitos bispos, magistrados, diplomatas colecionavam livros e, se eventualmente havia alguns motivos de ostentação e luxo neste colecionismo, havia certamente uma vontade de procurar o saber e perpetuar a memória para os vindouros. Por outro lado, revela-nos, que a vontade de colocar uma biblioteca privada, reunida com muitos trabalhos e despesas, ao serviço de uma comunidade e do público, começava também a fazer escola. Sintomático ainda o facto de alguns bibliófilos quando colocados perante o dilema de saber a quem deixar a sua coleção, os seus livros, objetos ainda de raridade e grande valor, se aos herdeiros ou doá-los a uma livraria para estarem ao serviço do público, alguns optem pela utilidade pública.

OS DONATIVOS DE D. MANUEL DO CENÁCULO

D. Frei Manuel do Cenáculo tem sido apontado e bem como um paradigma em matéria de bibliofilia e donativos a bibliotecas. Não há dúvidas sobre a importância que assumiu na refundação da biblioteca do Convento de Jesus, sobre os rios de dinheiro que gastou em livros, sobre a criação de uma biblioteca eclesiástica em Beja, sobre o grande e valioso donativo que deu na altura da fundação da Real Biblioteca Pública de Lisboa e sobre a fundação da Biblioteca Pública de Évora. O principal problema com que nos deparamos em anteriores trabalhos em que analisamos, com pormenor, cada um destes momentos, é a ausência de dados quantitativos. Faltam catálogos da biblioteca eclesiástica de Beja, da Biblioteca Pública de Évora na altura da sua fundação. Os donativos de Cenáculo mais documentados são os do Convento de Jesus e o da Real Biblioteca Pública. Remetendo para as leituras já feitas sobre o donativo para a Real Biblioteca Pública (Vaz, 2009 e Oliveira, 2012), sistematizemos o essencial sobre o papel de Cenáculo na refundação da Biblioteca do Convento de Jesus e procuremos um retrato do valor da coleção.

O primeiro donativo refere-se ao lançamento da obra da biblioteca, sua concepção e concretização. Frei Manuel do Cenáculo foi Provincial da Terceira Ordem, entre 1768 e até Fevereiro de 1777, e há uma relação onde se descreve a administração temporal da Província durante esses nove anos (Vaz, 2009: 538). O primeiro

dado que se refere é que em 1768 ainda não se concluíra a reedificação total do convento, que tinha sido muito afectado pelo terramoto de 1755 e, por isso elenca-se o que falta construir. Uma das obras atrasadas era a biblioteca: "Não havia Casa de Livraria achando-se os Livros a monte fechados em diversas paragens"⁸.

As obras de reconstrução estão descritas com algum pormenor na relação que vimos seguindo. Assim, relativamente ao espaço, as salas e dependências da Livraria escreve o autor:

"Como não havia Livraria fez-se uma grande casa com destinação de servir ao Público, para o que se lhe fez escada e paredes de cantaria fechada para a rua. Tem cento e cinquenta palmos de cumprimento, sessenta de largo, com trinta e cinco ate ao ponto. É cingida por um lado de Gabinetes em baixo, e em cima de Galeria destinada para Museu, como também a outra casa que em cima da segunda Ante Livraria abrange toda a largura da Biblioteca. Debaixo desta se fez um celeiro muito capaz, e casas para o despejo da Livraria com armazéns para alugar, e compensar com o Rendimento da cerca o desmancho das Casas, que nela havia. Não há perigo de fogo pelas excelentes abóbadas (Vaz, 2009: 541-542)."

Embora o texto não prime pela clareza, o que deduzimos é que se construiu de raiz uma grande sala, com cerca de 93 metros de comprimento por 13,2 de largura e 7,7 de altura, para albergar a coleção e o futuro publico. De um lado tinha gabinetes e no topo estaria a galeria para as peças museológicas. Em cima desta sala haveria uma segunda sala de idênticas medidas com a mesma largura da biblioteca e em baixo, a nível térreo, fez-se um celeiro e outras dependências para a livraria e armazéns para alugar. Até nos materiais pensados para a construção, em cantaria e sem madeirame, se anota o sentido providente que é necessário para evitar os incêndios, que na época eram os sinistros mais temidos.

Quanto ao total da despesa com as obras e reforma geral do convento, de acordo com a *Relação*, rondou os 190.000 cruzados durante esses 9 anos. Em 1777 estavam pagos 120.000 cruzados, provenientes do rendimento da província (80.000) e de dois donativos em dinheiro, um de Frei Manuel do Cenáculo (33.000) e o outro do anterior Vigário Provincial (7.000). O restante (70.000) estava estipulado ser pago em consignações como era habitual na época; mas Cenáculo terá também prometido pagar metade dessa dívida, com a condição que a biblioteca estivesse aberta ao público⁹.

Mas o fim das obras para a biblioteca do convento não foi rápido. Ontem como hoje, as derrapagens e gastos foram aumentando. De facto as obras arrastaram-se até Abril de 1796:

Dos anos que vão de 1777 até a abertura ao público há a referir o contributo do Frei Jose Mayne (1723-1792), Provincial ou Ministro Geral da Ordem Terceira, a partir de 1780. Nesse ano apresentou uma representação ao definitório, onde dá conta do grande encargo que a Província estava a ter com a obra da livraria e para a concluir apresentou como solução a constituição de um fundo, proveniente da herança de um irmão e dos seus ordenados, no montante de 500 a 600.000 reis, para com esses dinheiro concluir a obra e comprar livros e raridades para o museu natural (Oliveira, 2012, 411). O projeto de Mayne incluía portanto um museu natural e ainda uma “escola pública” e envolvia a Academia das Ciências, uma vez que esta ficaria a administrar o referido fundo. Endereçado a Rainha o projeto teve o aval régio em 24 de Dezembro de 1792.

A ação de Frei José Mayne foi decisiva para dar novo alento às obras, através da injeção dos capitais necessários. Foi ainda determinante do ponto de vista de serviço público, uma vez que com a criação do museu natural e da escola pública se deu possibilidades de usufruir das coleções para o desenvolvimento dos conhecimentos úteis (Brigola, 2009). Era o espírito da Academia das Ciências que estava subjacente a este projeto e foi ele que acabou por unir os dois estabelecimentos para o futuro: o Convento de Jesus e a Academia das Ciências.

Frei José Mayne criticou a obra da Livraria, nomeadamente a seu atraso e má programação. Na correspondência de Cenáculo transparece também algum mal-estar com as críticas de Mayne. Numa carta de 1782 e dirigida a Rafael Mohedano lamenta-se o bispo de Beja: “De coisas desta Província não há que dizer. O Padre Mayne tem feito uma horrível perseguição a homens, a estudos, à harmonia, à reputação, e a tudo quanto lhe foi útil em outro tempo, e eu estabeleci”. (Cenáculo, 1782, in Vaz, 2009: 492). Na mesma carta refere-se ao ex-jesuíta Machuca, que agora auxiliava o P. Mayne nos seus projetos e a quem não reconhece qualidade literária: “Faltava o mariola (não tem outro nome) desse ex-Jesuíta Machuca para emporcalhar a Nação” (idem, ibidem). Não esqueçamos também que a conjuntura política a nível nacional estava marcada pela “viradeira”, sobretudo a nível de personalidades e acólitos do poder. Neste domínio Mayne era o novo homem forte da Ordem Terceira e é natural que quisesse demonstrar os erros passados para impor a sua autoridade.

A morte de Frei José Mayne em 1792, impediu-o de ver os frutos plenos da sua ação em prol da livraria, e não deixa de ser

significativo que a partir daí D. Manuel do Cenáculo se empenhe mais em cumprir o donativo dos livros, donativo que é prometido desde início das obras, mas que na realidade só se concretiza por volta de 1795. No balanço económico que é feito dos anos em que foi provincial, encontram-se também o gasto com o transporte dos oito mil volumes oferecido ao convento pelo Prior de Oliveira de Azeméis, que ingressou na ordem e que já referimos. Além deste donativo sobressai o do próprio Cenáculo, que prometeu para a biblioteca do convento 3.000 volumes, com a promessa de dar mais tarde 4.000¹⁰. Com base nessa relação, datada de 1777, é possível fazer o inventário dos livros que a nova biblioteca do convento passaria a ter:

Quadro - Biblioteca do Convento de Jesus

Livros da Comunidade que escaparam ao terramoto	10.000
Livros oferecidos por Cenáculo	3.000
Oferta do Reitor de Oliveira de Azeméis	8.000
Prometidos por Cenáculo	4.000
Oferta do P. Mayne	1.000
Oferta do Vigário Provincial	1.000
Oferta do P. Sarmento	2.000
Totais	29.000

Fonte: Vaz, 2002: 295

Se compararmos estes números com os 32.000 volumes que Adrien Balbi contabilizou para esta biblioteca, no ano de 1822, verificamos que ela se enriqueceu com mais 3.000 volumes. De acordo com o autor italiano, era a segunda biblioteca de Lisboa e a terceira do país, logo a seguir à de Évora. Quanto ao espólio e segundo o mesmo autor, ela era rica em obras portuguesas e espanholas modernas, versando sobretudo a exegética, a literatura, as humanidades e livros clássicos de grego e latim. Balbi afirma, ainda, que, embora tendo obras de ciências naturais, nela não havia nada que tivesse sido publicado depois de 1806. O seu testemunho comprova, também, que a biblioteca do Convento passou a ser pública, tal como exigiu o Bispo de Beja¹¹.

A correspondência do Bispo de Beja permite-nos acompanhar a passo e passo a sua contribuição para a constituição da coleção. Dizemos isto porque entre as numerosas cartas que lhe são dirigidas há algumas de Frei António Baptista, que foi encarregado, pelo Definidor Geral, de ultimar as obras da biblioteca no ano de

1795. Em 13 de Julho desse mesmo ano escreveu ao prelado bejense, dando conta de ter tomado conhecimento do catálogo dos livros que o bispo pretendia oferecer¹².

Também nesse ano de 1795, em 3 de Agosto, chegou em quatro caixotes a primeira remessa dos livros prometidos, bem como alguns manuscritos¹³. No mês seguinte, o Bispo enviou nova remessa, agora mais substancial e acompanhada mesmo de algumas peças para a decoração da biblioteca¹⁴. Conforme nos diz, um dos exemplares mais notáveis era uma Bíblia. Silvestre Ribeiro corrobora este testemunho e acrescenta que o donativo de Cenáculo à biblioteca do Convento de Jesus foi constituído por livros que haviam sido comprados para o Colégio de Coimbra, ou que ele próprio comprara durante o seu provincialado, outros da sua livraria pessoal e "...um grandioso presente de muitos livros e manuscritos raros, entre os quais um exemplar da Bíblia Moguntina" (Cit. Vaz, 2002: 296).

Na mesma carta, Frei António Baptista dá conta da sugestão de Cenáculo para aquisição, com os rendimentos da Província, de uma importante e rara coleção de livros e agradece o envio de pedras de Montes Claros destinadas ao "medalhão dos príncipes" que seria colocado na biblioteca. Queixa-se também do grande gasto em madeiras para as estantes e outras despesas a que teve de acorrer.

Em 31 de Outubro, nova carta agora entregue pelo Geral da Província, que se deslocou a Beja para pessoalmente agradecer os donativos concedidos à biblioteca. Quanto às obras avançavam com uma previsão para abertura, que apontava para Abril do ano seguinte e da admiração que a Livraria estava a provocar entre os lisboetas e junto da Academia das Ciências:

A obra da Biblioteca vai continuando, e só para o mês de Abril estará acabada; mas assim mesmo tem concorrido e concorre muita gente a vê-la; e todos admiram a sua proporção, e boa arquitetura; e já causa emulação sobretudo aos senhores da Academia, que ansiosos desejam estabelecer a sua¹⁵.

Idealizada em 1769 a Biblioteca terá assim iniciado o seu funcionamento passados 27 anos, em 1796. Quanto à grandiosidade e magnificência da obra, a sua comodidade e conforto para os leitores, recorremos ao *Jornal de Bellas Letras* de 1816, que dá conta do espanto que ela continuava a provocar no público lisboeta:

"As estantes, em que está colocada a Livraria, formam dois corpos, divididos por uma cimalha [...] Sobre a Cimalha real no prumo de cada pilar das divisões das estantes está colocado um busto dos sábios mais distintos de todas as nações. Ali a par de Virgílio se vê o nosso Camões; a par de Newton o nosso Nunes [...] sobressaindo

a tudo as primorosas encadernações de um grande número de livros, e edições raras, acreditam esta livraria uma das mais curiosas, e a mais elegante desta Capital. Fronteiras às cinco janelas se encontram do lado esquerdo cinco portas com caixilhos de vidro de espelho, uma das quais dá serventia ao gabinete de Pinturas, e outro à sala dos manuscritos, e a vários gabinetes de estudo, onde sem distração, que motiva a concorrência dos estudiosos, e o rumor das escadas portáteis, se permite às Pessoas de maior respeito ali poderem entregar-se à lição; comodidade que em nenhuma outra Livraria Publica de Lisboa se encontra."¹⁶

DONATIVO OU VENDA?

Cruzando as cartas que Cenáculo envia a Frei Baptista com as que no mesmo período escreve ao "amigo do coração", Frei Plácido Andrade Barroco, ficamos com um quadro mais nítido do papel do Bispo de Beja e particularmente dos meandros que envolveu a sua ação em prol da coleção Biblioteca do Convento de Jesus.

Frei Plácido Barroco era também um dos seus intermediários junto dos livreiros lisboetas e as cartas que Cenáculo lhe escreve de Beja revelam a sua vontade de fazer dinheiro com a sua coleção de livros, pinturas, moedas e antiguidades¹⁷. Esta vendas não eram apenas aquelas que tradicionalmente bibliófilos e bibliotecas faziam, de livros dobrados, ou em mau estado, trata-se de raridades, autênticas obras de luxo de elevado preço e na mira dos grandes colecionadores e das bibliotecas. São, por exemplo, obras como o *Decor Puellarum*¹⁸, a própria *Bíblia Moguntina*, ou uma edição do *D. Quixote*. Sobre a Bíblia, aponta os argumentos para uma transacção que lhe fará perder dinheiro¹⁹.

Nesses anos Cenáculo pretendia fazer dinheiro, para pagar as obras que tinha planeado em Beja, a catedral e a beneficiação do paço episcopal (Marcadé, 1978: 222-225)²⁰. Por isso, precisava de dinheiro vivo, pelo que regateia os preços, negoceia a venda de obras raras junto de diversos livreiros e como estes oferecem pouco, Bertrand oferece apenas 28.800 réis pela lista que o bispo lhe quer vender, volta-se para os padres da sua ordem. Ameaça vender toda a sua coleção de livros para Espanha, onde diz já tem comprador assegurado, insinuando tratar-se do Duque da Roca, porque como diz em Espanha há "fome em fazer bibliotecas". Como os padres se revelam renitentes, promete um avultado donativo à livraria do Convento de Jesus, mas condicionado a que os frades lhe comprem os livros mais raros e caros, porque diz foram obras compradas com "dinheiro da Igreja".

A estratégia seguida foi delineada ao pormenor nesse ano de 1795, como demonstra na carta de 05-06-1795, onde expõe a Frei Plácido Barroco como é que devia conduzir as negociações para vender os livros e as justificações que devia dar para esta venda. Essa estratégia assentava em 5 critérios ou pressupostos: que havia compradores para as raridades fora do reino; que em Beja apenas era necessário deixar as “obras de sortimento, e até um cento de coisas literárias que honrem a casa, o bispado e a memória”; que a Ordem Terceira era sempre o comprador preferido e teria direito a um “escolhido e raro donativo”; mas caso a Ordem não queira, “voltarei para onde me puxam pela capa”; quando os padres terceiros se decidirem, dará a resposta a Bertrand²¹. Nessa mesma carta refere que já tinha decidido o que ficaria em Beja e os “presentinhos” que reservara para amigos. Informa que estava ocupado em terminar a “Casa da Livraria”, onde deixava um legado de 20.000 volumes e ainda uma colecção de raridades (Vaz, 2009: 75). Esta estratégia parece ter resultado, pois em carta datada de Beja, 17-07-1795, congratula-se com o facto de que os Padres tivessem comprado a *Moguntina*.

Mas a compra foi lenta e as cartas permitem seguir os meandros do negócio do lote mais apreciado, no qual se incluía a *Bíblia Moguntina*. De facto, em 7-8-1795, refere que, por 800 mil réis, venderia a “Moguntina, Ximenes, Ferrara, e Liturgia Ecclesia Suecana, e Quixote = e mais nada”²². Fora deste “pacote” ficaria a Bíblia Sistina, que remete para outro contrato (Vaz, 2009: 78). Em 28-8-1795 pede ao amigo para vender a Bertrand os livros que constavam do rol onde ele já incluía os preços, mas que reservasse as *Pandectas Florentinas*²³, até aviso em contrário. Acrescenta que tudo quanto se destinava à Ordem já estava encaixotado e o seu transporte tratado (Vaz, 2009: 79; 360-361). Finalmente, no dia 4-9-1795 comunica que no dia 6 desse mês partiriam almocreves levando um baú e 21 caixotes com livros, com o presente para a biblioteca do Convento e naturalmente as raridades que vendia a ordem. A chegada deste lote de raridades, onde avultava a *Bíblia Moguntina* com a sua caixa de pereiro, é confirmada, como vimos, por Frei António Baptista do Rosário, em carta dirigida ao bispo de Beja em 14 de Setembro de 1795.

A COLEÇÃO

Que avaliação se pode fazer da colecção da Biblioteca do convento de Jesus e em particular dos livros oferecidos por Cenáculo? Relativamente a números a relação de 1777 aponta para valores

próximos dos 30.000. Na actual Biblioteca da Academia das Ciências, o fundo dos livros provenientes do Convento de Jesus inclui manuscritos e impressos. Os manuscritos estão inventariados num catálogo, designado *Serie Vermelha da Academia*, onde estão 908 volumes provenientes do Convento de Jesus; há ainda alguns manuscritos do cartório do Convento no outro catálogo da Academia, o da *Serie Azul*. Quanto aos impressos, a actual biblioteca tem o “fundo conventual”, que inclui cerca de 30.000 volumes. Ou seja, é notória a coincidência entre os números avançados por Balbi e outros autores para a Livraria do Convento e os números actuais do fundo conventual da Biblioteca da Academia das Ciências.

Quanto a qualidade das obras oferecidas, *O catalogo do donativo do Bispo de Beja à Livraria dos seos Padres de N. Senhora de Jesus de Lisboa em Julho de 1795*, onde a palavra “donativo” aparece riscada e que inclui também o “Acrescentamento ao Donativo do Bispo de Beja à Livraria dos seos Padres de N.ª Senhora de Jesus, permite contabilizar um total de 167 títulos de obras manuscritas e impressas e de raridade e valor diverso. Um bom exemplo, para nos apercebermos da raridade e valor de algumas obras, é o das bíblias que compõem este catálogo.

Tabela - Colecção de Bíblias

Título	Formato	Vol.	Ano	Local	MS/IMP	Obs.
Bíblia Sacra do século XII	4	1			Ms.	
Bíblia Sacra do século XIII	Fólio	2			Ms.	
Bíblia Moguntina	Fólio	2	1462		Imp.	De Johann Fust e Peter Schoeffer,
Bíblia Richel	Fólio	2	1477	Basileia	Imp.	raríssima
Bíblia de Veneza	Fólio	1	1479	Veneza	Imp.	raríssima
Bíblia de Jenson	Fólio	1	1479	Veneza	Imp.	raríssima
Bíblia Bomberg	Fólio	2	1516?		Imp.	raríssima
Bíblia Hebraica Reimici	Fólio	3			Imp.	raríssima
Bíblia de Houbigant	Fólio	1	1753-54	Paris	Imp.	raríssima
Bíblia Junii e Tremell	Fólio	2			Imp.	
Munsteri Bíblia	Fólio	1			Imp.	
Bíblia inglesa		1			Imp.	
Total		19				

Fonte: Vaz, 2009: 442-448

Como se vê além de duas Bfblias manuscritas de raridade e certamente grande valor, figuram também 3 incunábulo, entre os quais se destaca pela beleza e valor a Bfblia de Jenson, a quarta edição da Bfblia a ser impressa depois da primeira de Gutenberg. No entanto o catalogo não refere a *Moguntina*, obra da tipografia de Fust e Schoeffer e que é referida na correspondência como tendo sido comprada e ter chegado com a sua caixa de pereiro ao convento em 1795²⁴. Esta era sem dúvida a mais valiosa do lote e ainda hoje é uma das preciosidades da Biblioteca da Academia. Mas a raridade e valor da *Moguntina* não ofusca o valor da coleção de Bfblias que Cenáculo doou, ou vendeu, à biblioteca. Mesmo as obras que não são incunábulo, como a Bfblia hebraica de Bomberg, eram na época tesouros da bibliofilia europeia e como tal têm hoje um valor patrimonial incalculável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus foi idealizada nos anos subsequentes ao grande terramoto de 1755, mas só passou a ser uma realidade em finais do século. Para a concretização de uma biblioteca conventual pública muitos foram os contributos, mas entre eles destacamos os menos conhecidos, o do Prior de Oliveira de Azeméis, e os mais notáveis e propagados: Frei Manuel do Cenáculo e José Mayne.

As fontes dão conta de “uma guerra surda” entre os dois notáveis que aparecem envolvidos nesta obra, uma concorrência que se revelou eficaz para levar a bom porto o projeto inicial. Os donativos que ambos efetuam não são graciosos, exigem de acordo com a mentalidade clientelar em vigor, contrapartidas. Se para Manuel do Cenáculo o objetivo era chegar a cadeira de arcebispo, provavelmente para José Mayne a cadeira episcopal era o almejado. Num e noutro caso a prossecução do interesse pessoal acaba por reverter em bem do público.

A decisão de José Mayne, de criar um fundo monetário para dar andamento ao projeto da livraria, está também de acordo com uma prática que se fazia e anuncia a filantropia associada aos livros e ao ensino, característica do espirito ilustrado setecentista e que se prolongaria até aos dias de hoje (Vaz, 2012). O próprio Frei Manuel do Cenáculo em 1803 propôs a D. Rodrigo de Sousa Coutinho que do legado pio, deixado pelo Sargento-mor Romão da Costa Carrilho, constituído por herdades e outros bens e cujo rendimento anual era avaliado em 800.000 réis, que se cativassem

40.000 réis por ano para pagar ao bibliotecário do Bispado, 30.000 ao seu ajudante; 40.000 por ano para a compra de livros para a livraria e 40.000 para o cartório da Catedral (Vaz, 2009, 25).

Resta-nos concluir dizendo que a Biblioteca do Convento de Jesus, não é apenas herança de Frei Manuel do Cenáculo, teve muitos benfeitores e é graças a eles que a coleção se conservou e ficou ao serviço do público até aos dias hoje.

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

Biblioteca Pública de Évora, Cod. CXXVIII/2-5, *Relação dos factos que na sua simplicidade e verdade qualificam a boa Administração da Provincia da Ordem Terceira da Penitencia em os nove annos que decorreram desde Maio de 1768 athe Fevereiro de 1777*. Transcrita por Vaz, 2009, p. 538-547.

Biblioteca Pública de Évora, Cod. CXXVIII/2-5, *Catálogo dos Livros de que usarão os Mestres distribuidos pelas materias*, fl. 214. Transcrita por Vaz, 2009, p. 559-568.

Impressos

AMARAL, Ilídio do (2012) - *As Bfblias e outras raridades das Coleções de Frei Manuel do Cenáculo. Da sua existência na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Colibri.

BALAYÉ, Simone (1991) - *Les Publics de la Bibliothèque Nationale. Histoire des Bibliothèques Françaises. III Les Bibliothèques de la Revolution et du XIX Siècle 1789-1914*. Paris. p. 329-334.

BALBI, Adrien (1822) - *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*. Paris.

BARATA, Paulo J. S. (2011) - *As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer*. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

BARATA, Paulo J.S. (2009) - *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional Portugal.

BARBIER, Frédéric (2007) - *Histoire du Livre*. Paris: Armand Colin.

Casa dos Livros de Beja: doação de Frei Manuel do Cenáculo à real Biblioteca Pública da Corte. Mostra bibliográfica, 1 de Março - 13 de Maio de 2006. Coord. Direção de Serviços de Extensão Cultural e Científica; Org. pesq. Manuela Domingos, Ana Isabel Libano Monteiro. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.

BRIGOLA, João Carlos (2003) - *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*. Lisboa: FCT/FCC.

CENÁCULO, Manuel (1790) - *Disposições do Superior Provincial*. Lisboa.

CENÁCULO, Manuel do (1791) - *Cuidados Literários*. Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira.

CENÁCULO, Manuel do (1776-1794) - *Disposições do Superior provincial para a observancia regular e literaria da congregação da Ordem Terceira de S. Franciscodestes reinos, feitos em os annos de mil setecentos sessenta e nove, e setenta. - Memorias historicas e appendix segundo a disposição quarta da collecção das disposições*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

CERICO, Pedro (2008) - *Cunha Rivara - Um Bibliotecário Romântico*. Tese de Mestrado em Ciências da Informação, Universidade de Évora.

CHAPRON, Emmanuelle (2004) - *Voyageurs et bibliothèques dans l'Italie du XVIIIe siècle: des mirabilia au débat sur l'utilité publique. Bibliothèque de l'Ecole des Chartes*. 162, N.º 2, p. 305-332. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6297_2004_num_162_2_463457 [Consultado em 22-02-2012]

CURTO, Diogo Ramada et alli (2007) - *As gentes do Livro. Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

EDWARDS, Edward (1864) - *Libraries and Founders of Libraries*. Cambridge University Press. Disponível em: <http://archive.org/stream/librariesandfou00edwagoog#page/n68/mode/2up> [Consultado em 21-3-2013]

GALLOIS, Pierre Le (1680) - *Traité des plus belles bibliothèques de l'Europe: des premiers livres qui ont été faits, de l'invention de l'imprimerie, des imprimeurs, de plusieurs livres qui ont été perdus et recouverts par les soins des sçavans, avec une méthode pour dresser une bibliothèque*. Paris: Chez Estienne Michalet. Disponível em: <http://books.google.pt/books/reader?id=0xIJAAAAcAAJ&hl=pt-PT&printsec=frontcover&output=reader> [consultado em 21-2-2013]

GUSMÃO, Armando Nobre de (1944-1948) - *Catalogo da Correspondência dirigida a D. Frei Manuel do Cenáculo*. Évora. 5. Vols. *Judaic Treasures of the Library of Congress: Great Bibles*. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourceloc/Great.html> [consultado em 21-1-2013]

MARCADÉ, Jacques (1978) - *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évêque de Beja, Archevêque d' Evora (1770-1814)*. Paris: Centro Cultural Português - Fundação Calouste Gulbenkian.

McMURTRIE, Douglas C. (1997) - *O Livro. Impressão e Fabrico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

OLIVEIRA, Márcia (2012) - *A Bibliofilia em Portugal no Início da Época Contemporânea - O exemplo de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Tese de Doutoramento em Ciências da Informação, Universidade de Évora.

PICARD, Evelyn (1979) - *Une bibliothèque conventuelle au XVIIIe siècle: Les Théatins de Sainte-Anne-la-Royale. Revue d'histoire moderne et contemporaine*. N.º 2 (Apr.-Jun. 1979) p. 235-255. Disponível em: http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=RHMC_G1979_26N2_0256

RAMOS, Maria Teresa Ramos (2007) - *A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no século XVIII*. Sep. *Bracara Augusta*. Vol. IV, N.º 110 (123).

VARRY, Dominique, Dir. (1991) - *Histoire des Bibliothèques Françaises. III Les Bibliothèques de la Revolution et du XIX Siècle 1789-1914*. Paris:

Editions Cercle de La Librairie-Promodis, 1991.

VAZ, Francisco, Coord. (2009b) - *D. Manuel do Cenáculo: Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto: Porto Editora.

— (2006) A Fundação da Biblioteca Pública de Évora. In VAZ, Francisco; CALIXTO, José António - *D. Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*. Vale de Cambra: Caleidoscópio, p. 57-89.

— Coord. (2009) - *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel Do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

— (2002) - *Instrução e Economia. As ideias económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

— (2012) A Ideia de Biblioteca na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo. In MEDEIROS, Filipa et alli, Coord., *Acervos Patrimoniais - Novas Perspetivas de Abordagem*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 78-96.

NOTAS

1. BPE - Cod. CXXVII/2-9, 1775, fl. 6.
2. Idem, ibidem. O mesmo voltará a deixar expresso no testamento: "Primeiramente dispondo da minha Livraria, que consta do melhor de sete mil volumes, e me custou o melhor de vinte mil cruzados, suor, e fadigas de cinquenta, tantos anos, a qual no ano de quarenta e oito deste corrente século por voto expresso, que fiz prometi, e votei dar, e entregar a Nossa Senhora Mãe de Jesus, pelo favor, que me fez de me livrar Deus por sua intercessão de um deplorável pleurisia". Ob. cit., fl. 7. Nesta e nas restantes citações atualizámos a ortografia, mantendo apenas as maiúsculas assinaladas nos originais
3. Ob. cit. fl.10.
4. Ob. cit. fl. 5.
5. Por exemplo nas Universidades a Livraria aparece referida como "Livraria pública", no sentido de servir o público da instituição. Cf. Estatutos da Universidade de Évora, in Vaz e Pereira, 2012.
6. Vaz, 2004. Numa época em que as viagens eram demoradas, o transporte de uma grande quantidade de livros preocupava o prior, sobretudo pelos estragos que o mau tempo podia trazer para a coleção. A hipótese do transporte marítimo foi posta de parte, pelo nefasto efeito do salitre e por exemplos anteriores de perda de famosas livrarias, como a do Bispo do Porto D. Aleixo na barra do Douro, ou de outras no Alto Mar: "...perdeu-se a Livraria do Sr. B.º D. Aleixo na barra do Douro e nas Costas do mar Oceano muitos desembargadores da relação desta cidade quando se transportavam a Lisboa". Por isso, a opção foi o transporte terrestre. BPE - Cod. CXXVII/2-9, 1775, fl.26.
7. BPE - Cod. CXXVIII/2-5, *Relação*, transcrita por Vaz, 2009: 538-547.
8. Outras obras que se elencam: "A cozinha era escura: tinha arruinadas as abóbadas, na mesma Casa estava a carne, o peixe, a água de beber, sem casa para moços: carecia a Cozinha de ser reparada, e abastecida de fogueão, e chaminé e outras coisas essenciais". Vaz, 2009: 540.
9. "E ainda mesmo para o pagamento dos setenta mil cruzados fica a Provincia aliviada de a metade mais, ou menos, à qual se quis obrigar o Senhor Bispo de Beja com a condição porem que a Livraria haja de servir ao Publico para a ella concorrerem os estudiosos em tres dias na Semana". *Relação*, Vaz, 2009: 542.

10. Idem, *ibidem*.
11. "Parmi les Bibliothèques des couvents il y en a trois qui sont publiques. Celle du couvent de Jesus est très bien tenue, et peut contenir environ 32 000 volumes, parmi lesquels on trouve beaucoup d'ouvrages portugais et espagnols modernes". Balbi, 1822; II, 84.
12. "Ele me apresentou o Catálogo do especioso, e em tudo riquíssimo presente, que Vossa Excelência Reverendíssima faz à nossa Biblioteca. Eu não posso conter-me no justo prazer que isto causa". Confirma também a abertura ao público. "...ser a primeira que nesta Corte será pública em dias determinados da semana, também aumenta muito a nossa reputação". Gusmão, 1944, vol. 1, 185 (carta n.º 105, datada de Queluz, 13 de Julho de 1795). Frei António do Rosário Baptista (1737-1815) foi franciscano da Ordem Terceira, confessor de Dona Carlota Joaquina e Capelão-mor da Armada. Como escrevemos em anterior trabalho, foi também um dos responsáveis pela renovação, ou segunda fundação, da Biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus. Vaz, 2002: 295-296.
13. "O P. M. Fr. Plácido me avisa agora de terem chegado quatro caixotes com alguns manuscritos, que Vossa Excelência Reverendíssima manda, e também me fez ver o adiantamento ao primeiro Catálogo". Gusmão, 1944: 1, carta N.º 106, datada de Queluz, 3 de Agosto de 1795.
14. "Indo eu quarta feira 9 do corrente ao Convento (...) ali tive noticia de terem chegado já dezoito caixões, e um baú, que Vossa Excelência Reverendíssima. daí enviava, (...) acompanhei a Frei Plácido a maior parte dos ditos caixões". Gusmão, 1944: 1, 187.
15. Gusmão, 1944: 189. Carta N.º 108, datada de 31 de Outubro de 1795.
16. Descrição do *Jornal de Bellas Letras ou Mnemosine Lusitana*. 1816, p. 359-360. Cit. Oliveira, 2012: 409.
17. "Senhor. Faça dinheiro: venda isso, e o mais porque tenho feito a escolha do que hei-de deixar: o mais tudo hei-de ir vendendo, e se é necessário hei-de rebater consideravelmente os preços", Vaz, 2009: 22
18. A obra, *Decor Puellarum* é um tratado para jovens raparigas, atribuído ao Prior Giovanni di Dio, e impresso em Veneza em 1461, na tipografia de Nicolaus Jenson. Frei Manuel comprara este incunábulo a um negociante italiano por 30 moedas como refere em carta dirigida a frei Plácido em 1-5-1795. Através das cartas de Borel a Cenáculo ficamos a saber que Cenáculo comprara a obra em 1781 e que esse livreiro italiano era Antoine Jean de Turim.
19. "...a Bíblia *Moguntina* me custou seiscentos e mais mil reis: é o que custa quando aparece: se achar; assim como outras obras preciosas e de custo, mas sem rebate". Beja, 29-05-1795, Vaz, 2009, 75. A Bíblia *Moguntina* fora comprada por Frei Manuel na casa do livreiro Borel: "O Borel que me vendeu a *Moguntina*, muitos anos depois me disse que a toda a hora que eu quisesse me daria os 600 mil réis: ora se ela ficar na Ordem hei-de mandar-lhe a primorosa caixa de pereiro coberta de marroquim etc. que me custou mais de dose moedas: não ficam mal, não ficam mal". Carta a Barroco, 6-7-1795, Vaz, 2009: 77.
20. Relativamente à catedral, Cenáculo terá conseguido aprovar o projecto, mas este não passou do papel.
21. Carta de 05-06-1795, Vaz, 2009: 75.
22. Este lote de livros raros e caros é referido em diversas cartas. Trata-se como se deduz pelos nomes da Bíblia *Moguntina* de Johann Fust; da Bíblia Poliglota editada pelo Cardeal Ximenes, que serviria de modelo a outras políglotas editadas no século XVI e XVII e da Bíblia de Ferrara. Sobre a Bíblia *Moguntina* e sobre a problemática sobre autoria de Gutenberg ou Johann Fust, veja-se McMurtrie, 1997: 176.
23. As *Pandectas* eram um compêndio de leis romanas criado por ordem do Imperador Justiniano I, no século VI (529-533). Formavam parte do *Corpus Juris Civilis*, ou seja, a base do Direito Civil. Esta compilação de leis romanas foi, durante muito tempo, conhecida por *Pandectas Florentinas*. O manuscrito original fora descoberto em 1150 em Amaphi e oferecido à cidade de Pisa. Quando os florentinos se apoderaram de Pisa o manuscrito foi para Florença, sendo aí encadernado e ficando à guarda dos religiosos de S. Bernardo.
24. "...é um exemplar esplendoroso, impresso em pergaminho", embora, "não sendo uma edição de extrema raridade", cuja valorização é aumentada pelo facto de ser a primeira Bíblia impressa a ostentar o nome da cidade, dos responsáveis pela impressão, do ano 1462, como se pode ver no colofão em latim caligrafado com tinta de tom castanho-escuro no fim do segundo volume" Amaral, 2012: 71. Este autor avança com estimativas de valores atuais de 25 a 35 milhões de dólares para exemplares completos.